fevereiro/2022

Revista Verlidelas

edição nº 20

entrevista:

Carlos NEVES

teatro & literatura

CURA POÉTICA 2:

Conheça o vencedor

VERLIDELAS

fevereiro/2022

Sumário

ENTREVISTA ... 03
Carlos Neves

POESIA ... 13
Cura Poética 2

CONTO ... 18
Haverá Outra Oportunidade?
Cida Simka

EXPEDIENTE:

Editor-chefe:
•Sergio Carmach

Editora assistente:
•Luzia Barbosa

Foto (capa):
•F4 Estúdio
http://f4estudio.com.br/

Fotos (entrevista):
•F4 Estúdio
•Arquivo pessoal do autor

Revisão, diagramação e arte:
•Sergio Carmach

contato@verlidelas.com
www.verlidelas.com
www.facebook.com/verlidelas/

Verlidelas Editora
CNPJ 27.850.067/0001-71
Rio de Janeiro/RJ

EDITORIAL

Nesta edição, temos um encontro das artes em meio à literatura. Iniciamos com a entrevista de um dos autores do primeiro livro de dramaturgia lançado pela Verlidelas: "O Condomínio no Divã". Além de escritor, ele é professor de escola pública e ator. Na área teatral, também trabalha com dança, música, direção e diversas outras atividades. Em um descontraído bate-papo, ele nos falou de sua trajetória e de seu envolvimento eclético com as artes. Vale a pena conferir. Em seguida, temos uma seção poética especial, totalmente dedicada à antologia "Cura Poética 2" e ao poeta apontado por nosso júri como o autor da melhor poesia do livro. Ele recebeu um prêmio de R$ 500,00 em dinheiro. Quem será? Assim como o entrevistado do mês, ele frequenta os palcos e participa de espetáculos... Para encerrar, selecionamos um conto inspirador, que desperta reflexões no leitor. O título por si só – "Haverá Outra Oportunidade?" – é bastante sugestivo. Depois dessa apresentação, só nos resta desejar uma boa leitura!

Luzia Barbosa

Apoiam esta edição:

Alegria de Viver e Amar o que é bom
Conheça

LiteraGindo leitura inclusiva
Conheça

Refúgio Literário
Conheça

Vau Brevelhieri
Conheça

POR SERGIO CARMACH

Carlos NEVES

Ator, licenciado em Educação Artística com Habilitação em Artes Cênicas, bacharel em Interpretação Teatral e pós-graduado em A Arte de Contar Histórias, trabalha com interpretação e direção teatral, oficina de teatro, consultoria em análise do discurso cênico, dança, teatro musical, piano e *performance* artística. É professor de Artes da Secretaria de Educação do Distrito Federal e recentemente, em parceria com a autora Maria Elisa S. Ribeiro, lançou "O Condomínio no Divã", livro composto de esquetes cheios de humor. Nas páginas a seguir, ele rememora várias fases de sua vida para contar como se transformou em ator e escritor

Como germinou dentro de você o desejo de se tornar escritor?

Comecei a descobrir o prazer de escrever ainda no ensino básico, época em que passei a receber alguns elogios dos professores. No Colégio Estadual Marechal Souza Dantas, em Resende/RJ, todos os alunos da turma escreveram uma carta para o autor do livro de Português. A minha foi escolhida para ser enviada a ele. Isso acende um ânimo na gente. Em outra situação, foi engraçado quando um professor do Colégio Militar do Rio de Janeiro, ao devolver minha prova, me disse: "O que aconteceu com você?" Fiquei apreensivo, pois dias antes ele havia atirado o apagador em mim para eu sentar direito e prestar atenção na aula (naqueles tempos o professor podia agredir fisicamente o estudante). Mas dessa vez ele havia me dado dez na redação por ter gostado muito do meu texto sobre as noites de luar na Praia Vermelha, onde eu apreciava os cargueiros cor de cobre entrando na baía da Guanabara, cortando o feixe lunar nas águas da praia de areia avermelhada. Tudo isso ajudou a despertar o desejo de me tornar escritor.

As suas carreiras de ator teatral e escritor parecem interligadas, tanto que seu primeiro livro é uma dramaturgia. Fale um pouco sobre isso.

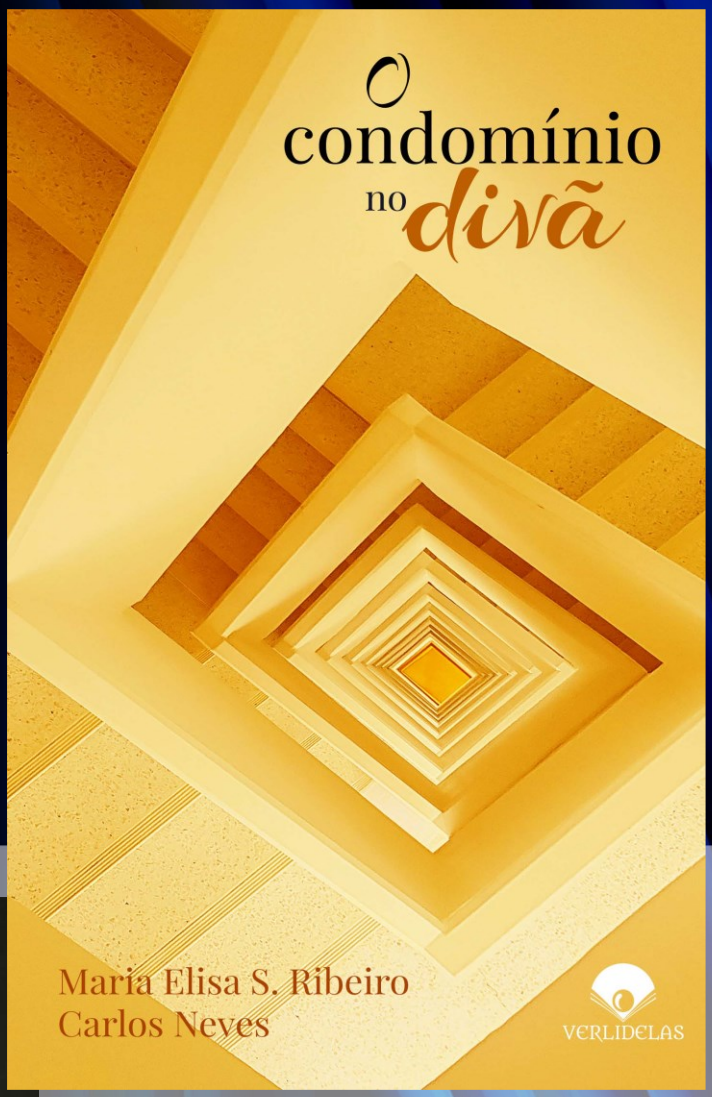
No segundo semestre de 2002, percebi que as notas de redação no vestibular da UnB (Universidade de Brasília) eram mais altas entre os candidatos de Artes Cênicas, talvez porque o pessoal do teatro costume ter muitas ideias e uma disposição maior para observar o mundo ao redor. Isso, inclusive, ajuda a explicar por que minha redação foi escolhida na época do colégio estadual. Eu não desconfiava, mas aquela desenvoltura na escrita já era uma consequência de minha paixão pelo teatro.

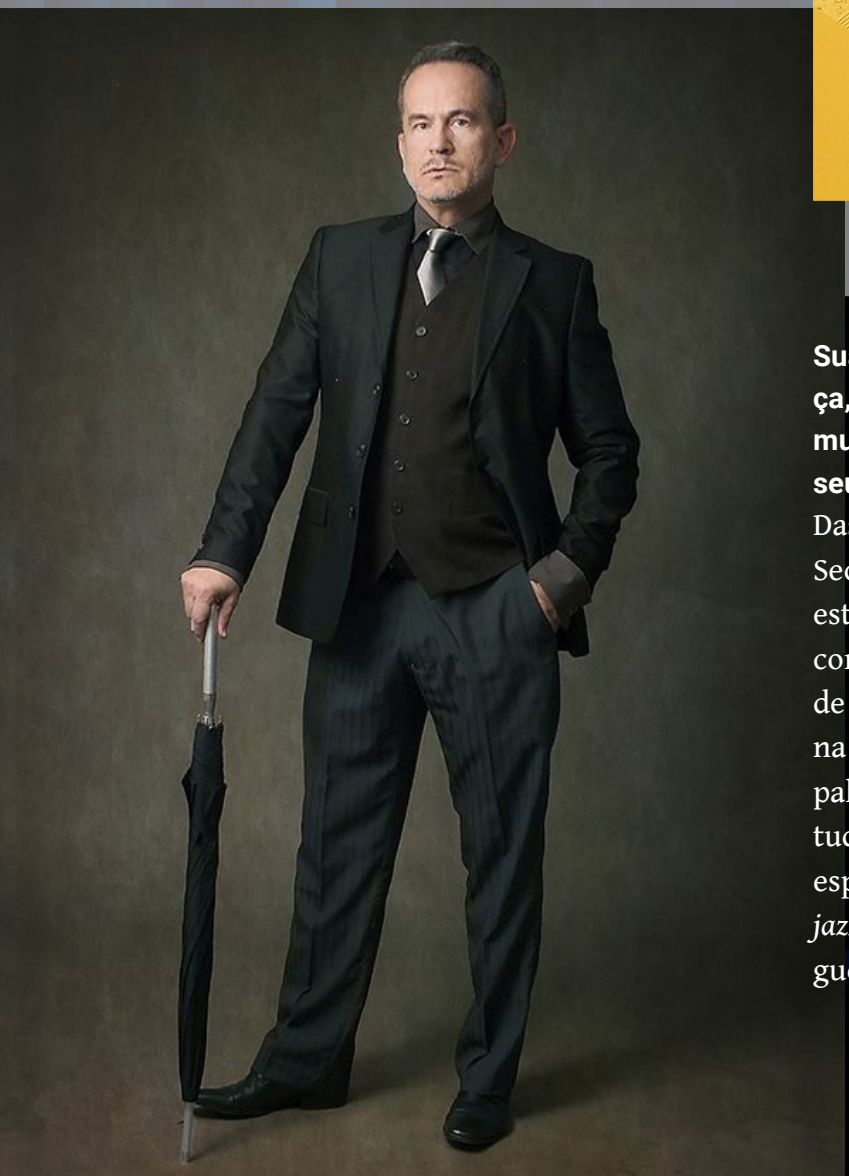
Desenvolvi uma paixão pelas metáforas e pelos absurdos, até resolver, quase aos quarenta anos, me dedicar profissionalmente à arte, à educação e ao teatro. A escritora Elisa Ribeiro está me dando a chance de interpretar o protagonista de um conto premiado dela, roteirizado por Soraya Paiva. Inclusive, me deixou dar palpite numa cena em que três mulheres "quase amigas" viajam juntas num cruzeiro marítimo. Esperamos transformar esse roteiro em vídeo assim que possível. Também tive a honra de ser convidado por Elisa e Soraya para coescrever "O Cupido não Bateu lá em Casa", que mais tarde passou a ser "O Condomínio no Divã", cuja metamorfose de cupido em condomínio está contada no próprio livro editado por esta editora querida. Não darei *spoiler*! Elisa disse que sei dramaturgia, o que me deixou bastante animado.

A propósito, como foi compor um livro a quatro mãos?

"O Condomínio no Divã" acabou sendo escrito por mim e Elisa, com o Atlântico entre nossas moradias: ela em Lisboa e eu no Planalto Central; sou candan-

go desde 1992. Então, as ideias saíam de Portugal, atravessavam o mar e ainda tinham que subir até Brasília; ou vice-versa. Bem, para falar a verdade, utilizamos *notebook*, wifi, zap, Meet, coragem e muita vontade de ser feliz escrevendo... E fomos! Ficamos muito satisfeitos com o resultado, e o livro foi um divã importante em nossas vidas. Decidimos que cada esquete seria escrito a duas mãos, mas um poderia mexer no texto do outro; por incrível que pareça, nunca brigamos. Logicamente que o livro é sutil e elegante por interferências da Elisa. Viajo muito nas histórias que invento, chegando perto do escracho; então, a minha parceira de escrita me pedia gentilmente para maneirar em alguns trechos. Tivemos também uma revisão preciosa da editora Verlidelas em um período em que eu não conseguia apurar a vista por tontura, pois sou um dos sobreviventes da covid antes da vacina.





Sua atuação na área artística abarca o teatro, a dança, a música, a escrita... Esse ecletismo é um estímulo à criatividade? Ou seria o contrário? Como é seu processo criativo?

Das artes que são disciplinas em minhas aulas na Secretaria de Educação do Distrito Federal e no meu estúdio, a que não pratico é a *arte visual*, antes mais conhecida como *artes plásticas*. Ainda assim, gosto de apreciá-la, e até consigo assessorar meus alunos na prática. De qualquer forma, ecletismo é uma palavra bonita para o que faço: me intrometer em tudo ou quase tudo. Quando resolvi realizar um espetáculo em que cantei ao som de uma banda de *jazz*, ouvi o seguinte da professora Gislene Rodrigues, grande preparadora vocal: "Carlão, dou valor

Viola Spolin escreveu que talento é nada mais nada menos que uma capacidade maior de "experenciar"

ao que você faz porque... – como vou dizer?... – você é uma pessoa que mergulha no escuro." Traduzindo o que, com muita educação, ela falou: "Carlão, estava horrível, mas a sua ousadia é o que conta." Viola Spolin escreveu que talento é nada mais nada menos que uma capacidade maior de "experenciar" – e assim vou me intrometendo, aprendendo e melhorando. Os meus espetáculos hoje são elogiados, e são meio teatro de revista, o que tem muito a ver com ousadia, entretenimento e essa palavra bonita usada por você: *ecletismo*. Nunca parei pra pensar sobre o que vem primeiro, criatividade ou ecletismo... Talvez a ousadia seja o primeiro passo, depois a criatividade e, como prêmio futuro, uma vida multifacetada.

Trabalho muito com criação coletiva, situação em que cada participante pode alterar/complementar o curso da história, favorecendo a criatividade. O improviso sob pressão também cria condições para o surgimento de situações inusitadas, quase loucas; e, justamente por isso, recheadas de criatividade.

Na sua percepção como professor de Artes, os alunos consideram esta uma disciplina relevante? A arte propicia uma vida melhor às pessoas?

Os alunos estão, cada vez mais, valorizando as aulas de Artes. Os adolescentes da atualidade têm contato com Sociologia e Filosofia, o que não tive na idade deles, infelizmente. Aprendo com eles, seres evoluídos em questões que envolvem respeito às diferenças, empoderamento feminino, empatia, meio ambiente e direitos humanos. Quanto às minhas aulas, eles gostam quando as artes cênicas os ajudam a obter sucesso em uma entrevista de estágio ou emprego. Postura corporal, colocação da voz e até figurino são elementos importantes na vida real, digamos assim. Como manter a mente ocupada numa situação estressante, como trabalhar o diafragma, o olhar etc. são riquezas a serem aprendidas e praticadas, e as gerações passadas não tiveram a oportunidade de vivenciá-las no ensino básico. Como ler um parágrafo ou história e saber dizer com as próprias palavras? Os alunos precisam praticar, é o teatro da vida; caso contrário, serão adultos que

copiam trechos ou teses inteiras, sem saber escrever algo original.

Como você vê o cenário cultural brasileiro da atualidade?

Existe uma tentativa de frear os avanços que já tivemos na educação, ciência e cultura, com prejuízo significativo para o pensamento, respeito, liberdade, arte e abertura de horizontes. Contudo, considero que esse desejo de parar o mundo não vai durar por muito tempo porque o mundo não vai mudar, já mudou. Converso com os adolescentes e vejo que eles estão lá na frente. A cada ano, tenho seiscentos alunos em média e digo: eles já mudaram o planeta e muito em breve estarão no leme. Tivemos também a necessidade de reinvenção do mundo devido à pandemia; de qualquer maneira, o Brasil um dia vai reabrir os espaços culturais e, dessa forma, ampliar novamente a possibilidade de nos expressarmos... Assim espero! Nos últimos tempos – sem citar nomes – ouvi de políticos: "Não quero jovens com senso crítico"; "Os professores devem evitar falar de feminismo na sala de aula"; "Os homossexuais são fruto de famílias desestruturadas"; "Crianças criadas só por mulheres serão problemáticas"... São coisas horríveis de se ouvir (dá tristeza), causam prejuízos; mas não conseguirão dar marcha à ré em uma viagem que já está em outra dimensão de pensamento, muito além da hipocrisia e da pobreza de espírito, transcendendo a banalidade, assim como a própria arte.

Tem projetos em andamento?

Sim, pretendo continuar ministrando aulas de Artes na rede pública e sigo escrevendo um segundo livro, também em parceria com Elisa Ribeiro. Sou aluno de canto, estou fazendo, com uma jornalista, parceria relacionada a análise do discurso cênico para *media training*, aguardo a volta dos ensaios do musical sobre Adoniran Barbosa (serei ator na peça) e

Um dia, ele me perguntou: "Quando você lê, ouve a sua voz ou a de outra pessoa?" Até hoje não sei o que responder

planejo a volta dos espetáculos "ecléticos" da minha querida trupe Capuletos & Montéquios, do estúdio ART.E (ou artpontoeh). Sou coorganizador de um livro de piadas em edição limitada, para familiares e amigos, em homenagem póstuma ao meu pai. Paralelamente, como pós-graduado em A Arte de Contar Histórias, escrevo um projeto a ser submetido à UnB na tentativa de me tornar aluno de mestrado. Meu artigo da pós-graduação deve entrar em um livro sobre a "contação de histórias". Lancei a Revista Semana 2020 naquele muito pandêmico ano e fundei a banda musical Sete & Sol em 2021, ambos os projetos com estudantes do querido Colégio Cívico-Militar – Centro Educacional 7, em Ceilândia.

Gostaria de mencionar alguns livros e autores que admira?

Quando eu crescer, quero saber ler como já sabia aos dezesseis anos o Renato Russo, meu colega do Colégio Marista. Um dia, ele me perguntou: "Quando você lê, ouve a sua voz ou a de outra pessoa?" Até hoje não sei o que responder, realmente preciso saber ler com mais profissionalismo. Paradoxalmente, escrevo ficções e tenho mais facilidade para leituras técnicas, não só sobre teatro, mas até de ciências exatas. Meu livro de cabeceira é "Poética", de Aristóteles, e preciso confessar que tenho dificuldade de ler ficção rapidamente. Tenho a obra completa de Shakespeare e Nelson Rodrigues, mas gostaria de citar os livros que estão aqui na minha mesa agora: "Cura-te a Ti Mesmo", do dr. Edward Bach; "Todas as Cartas", de Clarice Lispector; "A Segunda Natureza", de Elisa Ribeiro; "Como Parar de Atuar", de Harold Guskin; "Obra Reunida", de Vera Karam; "Nova Dramaturgia Espanhola", de vários dramaturgos; "Os Sabiás da Crônica", organizado por Augusto Massi; "Torto Arado", de Itamar Vieira Junior. ■

Autoconhecimento

A CHAVE DA SAÚDE

O passo a passo para a sua saúde física e mental

ESTE NÃO É APENAS UM LIVRO de autoajuda e desenvolvimento pessoal. É um "start" para o autoconhecimento, a reprogramação mental e o que a autora chama de "malhação cerebral", formas de prevenir doenças físicas e emocionais e de promover a autocura. A autora compartilha o passo a passo que desenvolveu ao longo de sua caminhada de descoberta pessoal em meio às religiões e ao misticismo, durante a qual foi se utilizando de elementos da física quântica, da neurociência e da metafísica da saúde à medida que os aplicava a si e, mais de uma década após, a seus clientes (terapia holística e "coaching").

O livro traz o funcionamento da "máquina humana" não só no aspecto energético, mas também bioquímico, numa demonstração de que a química de nosso corpo decorre das emoções, e estas são origem e consequência de nossos hábitos. Tudo de forma didática, numa conversa com quem clama por uma solução real, e não uma mera promessa. Com uma noção de como "a coisa toda" funciona, o leitor compreenderá cada etapa do processo e, em benefício de sua saúde, estará apto a se conhecer, a desenvolver empoderamento e autenticidade, a interromper o processo de pensamento e a incorporar hábitos importantes para o seu equilíbrio emocional e fisiológico, ativando o sistema de recompensas do cérebro.

Lair Cohim

em breve

VERLIDELAS

poesia

um **delírio** chamado

cura poética

2

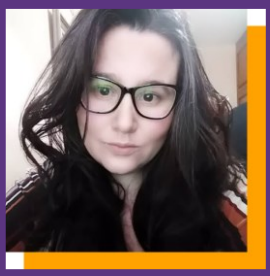
A ANTOLOGIA "CURA POÉTICA 2" é o quarto volume da série "Delirium Liricus", que compara cada poesia a uma pílula, classificando-as como remédios (quando mais otimistas), venenos (quando mais pessimistas) e placebos (quando feitas para divertir, encantar). Não importa se os versos são de amor, revolta, contemplação... Dependendo de como foram compostos, eles sempre podem ser classificados em uma das três categorias. Assim como aconteceu nas edições anteriores – "Delirium Liricus (I)", "Indrisus" e "Cura Poética" – os selecionados concorreram a um prêmio: neste ano, o autor da melhor poesia foi contemplado com o valor de R$ 500,00 em dinheiro. A escolha foi feita por um júri composto por cinco poetas:

ALFREDO DE OLIVEIRA

Ex-prefeito de Quatis/RJ, é bacharel em Ciências Militares, especializado em Meio Ambiente e Qualidade de Vida. Tem quatro livros publicados, incluindo o recém-lançado "Terra, Sonho & Passarinhos" (Verlidelas). Vários poemas de sua autoria foram musicados por parceiros compositores, tendo participado de diversos festivais, incluindo o Festival Rádio MEC–BSB.

DAN GOMEZ

Lançou o livro de poesias "A Outra Face de Mim" (Verlidelas) com apoio da Lei Aldir Blanc. É membro da Academia de Letras e Artes de Senhor do Bonfim (ACLASB) e da Federação Brasileira dos Acadêmicos das Ciências, Letras e Artes (FEBACLA). Como músico, participou de vários festivais nacionais e gravou o álbum "Janela do Tempo" (2014), com doze canções autorais. É graduado em Pedagogia e pós-graduado em Meio Ambiente.



ELISA FONSECA

É uma mineira que pousou em Brasília. Atua como professora de Português, revisora e editora. Foi uma das fundadoras da revista Perpétua.

JOÃO FERNANDO GOUVEIA

Biólogo (UCSAL), professor-educador com pós em Psicopedagogia e Gestão Educacional, é servidor da SMED. Escreveu "Réstia de Corte e Vidro", "Emcarneviva", "Andança", "Para Frente e para o Alto", "A Paz que Precisamos", "Otimismo e Atitude Sempre" e "Se For Preciso Eu Pulo". Participou da antologia "Cura Poética" e, apontado como o autor da melhor poesia, foi premiado com a publicação do livro "Concerto para Vozes Silenciadas" (Verlidelas).

MARIA HELENA AZEVEDO

Professora pública aposentada de História e Literatura, em 2008 lançou "Uma Hora por Dia" (7Letras), finalista do Prêmio Jabuti.

autor da poesia escolhida pelo júri

QUERIDOS POETAS,

eis que para mim chegou o tempo da têmpera, de me expor e mostrar a meus pares que eles não estão sós em seus devaneios, em seus desejos de expressão. Em um estalo diante da tela luminosa, me senti efetivamente convocado a compartilhar o que chamo simplesmente de *escritos* – outros teimam em chamar de *poesia*. E assim – em um impulso colaborativo, e não competitivo – me juntei a mais essa coletânea da Verlidelas, que nos levou a ler, juntos, os versos de quem não teme exposição. *Fomos remediados ou envenenados pela doçura ou pela aspereza das composições. E acabamos modificados mesmo ao receber placebos* (*), pois a arte é sempre aberta; a obra se completa em quem a materializa dentro de si.

Resgatei uma poesia que sempre senti inacabada. Tocado pela convocação, escrevi a segunda estrofe especialmente para a "Cura Poética 2", o quarto volume da bela série "Delirium Liricus – Pílulas Líricas de Vida e Morte". Foi como se eu dissesse para mim mesmo: "A poesia existe para ser vivida, não para ser poupada. Afinal, de nada vale doer-se pelo não feito e insistir em nada fazer. É como nunca gozar, amar economicamente. Como seguir assim?" E, num átimo, me permiti ser poeta – e convoco todos a serem, a se expressarem; sequem o que os isola do mundo, se comuniquem! ■

(*) N. do E.: Ver sinopse do livro.

Pedro Fernando

Cantor nos grupos Cant'du Rio, de Paulo Malaguti Pauleira, e Rio Antigo, de Celso Branco, apresentou-se pelo país como solista. Interpretou Lucano na ópera barroca L'Incoronazione di Poppea, de Monteverdi, sob direção musical de Vitor Philomeno e Graciela Araya, e Frank na opereta O Morcego, de Strauss, sob direção cênica de Menelick de Carvalho e direção musical de Mirna Rubim. Como letrista, teve uma canção interpretada pela Companhia EmBando no espetáculo Gritos do Afeto, sob direção cênica de Nina Terra e direção musical de Christian Bizzotto, entre 2018 e 2019 em teatros do Rio de Janeiro.

cura poética 2

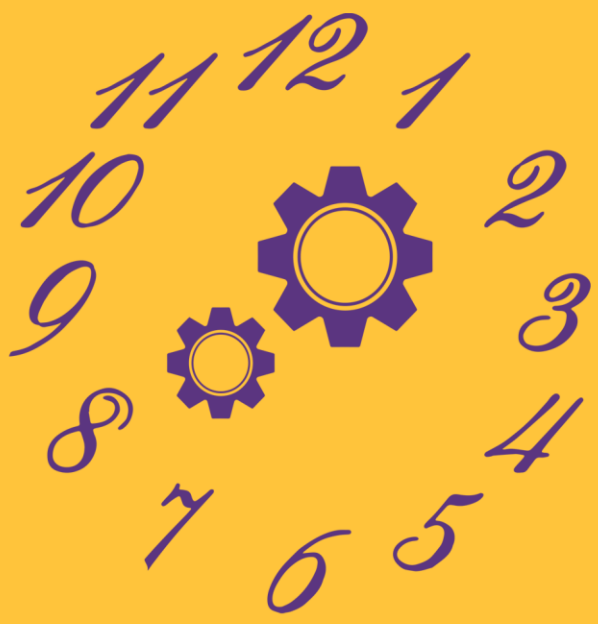
Meu tempo

Pedro Fernando

Nada me aconteça antes de chegado o tempo
nem antes que feneça a fina flor ao vento.
Notar-me esvaindo e só, ao contato do sereno
tomando forma na pele exposta, nua ao relento.

Sentir não sentindo, como se possível fosse,
doer-se pelo nada e de tudo falta sentir.
Amar sem gozo, com verdade e pose,
insistindo, sábia, por não saber desistir.

E, calma, esperando que mágico nasça o sol,
vertente plena de luz e calor fecundos,
inteiro a secar, mais rápido que a mente,
esse nada que teima em me isolar do mundo.



www.mundoescrito.com.br

O texto, além de estar correto tecnicamente, deve levar a mensagem exata que o autor deseja compartilhar. Na revisão de livros, antecipamo-nos aos problemas textuais que seus leitores poderiam encontrar. Temos uma excelente equipe, pois, há dez anos, revisamos livros todos os dias.

REVISÃO DE LIVROS

O texto, além de estar correto tecnicamente, deve levar a mensagem exata que o autor deseja compartilhar. Na revisão de livros, antecipa-mo-nos aos problemas textuais que seus leitores poderiam encontrar. Temos uma excelente equipe, pois, há dez anos, revisamos livros todos os dias.

TRANSCRIÇÃO DE ÁUDIO

Transcrição de áudio feita 100% manualmente, sem utilização de softwares, pois somos profissionais. Para evitar retrabalhos e dor de cabeça, contrate a transcrição feita por uma equipe completa.

Conto

Licenciada em Letras pelas Faculdades Integradas de Ribeirão Pires (FIRP) e colunista da revista Conexão Literatura, Maria Aparecida Silva Simka é autora de diversos livros – dentre eles, "O Enigma da Velha Casa" (Uirapuru, 2016), "Prática de Escrita: Atividades para Pensar e Escrever" (Wak, 2019) e "O Enigma da Biblioteca" (Verlidelas, 2020) – e organizadora de várias antologias, como "Uma Noite no Castelo" (Selo Jovem, 2019), "Contos para um Mundo Melhor" (Xeque-Matte, 2019), "Um Fantasma Ronda o *Campus*" (Verlidelas, 2020) e "O Medo que Nos Envolve" (Verlidelas, 2021), obra da qual foi retirado o conto a seguir. No texto, a autora aborda o tema "medo" em um contexto familiar

Haverá outra oportunidade?

O CELULAR DISPARAVA O SINAL de que sua mãe a procurava novamente. Era possível saber só pelo som, pois um toque diferenciado fora colocado com esse objetivo.

Após várias tentativas desesperadas sem resposta, como quase sempre acontecia, Suzana percebeu que não teria êxito. Já havia se acostumado a esperar que a filha desse sinal de vida.

"Não faz mal", pensava. "Sofia é uma pessoa muito ocupada. Vive em reuniões. Assim que der, me retornará."

Suzana, uma senhora de 75 anos, viúva, se fazia de forte, mas, em seu íntimo, sentia-se culpada pelo distanciamento da única filha. Experimentava a sensação de fracasso por não ter conquistado o amor dela. Ou melhor, a confiança. Nunca tinha conseguido ser sua melhor amiga.

Ela e o marido fizeram tudo o que puderam por Sofia sem pedir nada em troca, pois em seus gestos sempre havia muito amor envolvido. O único desejo deles era que a filha fosse feliz, que ela abrisse as asas para o mundo e voasse o mais alto possível. Estavam de braços abertos para ampará-la nas horas tristes e comemorar suas alegrias. Mas Sofia via isso como invasão de privacidade. Talvez por essa razão os evitasse.

Demétrios, o pai, era mais ponderado, mais racional, e não cobrava tanto a atenção da filha, apesar de amá-la incondicionalmente. O travesseiro era seu confidente. Lá podia chorar as lágrimas silenciosas que nunca foram notadas por Suzana. Muito menos por Sofia.

Suzana, por sua vez, era movida a emoção. Gostava de abraçar, de demonstrar o amor que sentia, de ouvir a voz da filha todos os dias. Desejava participar da vida dela. E isso era motivo para as eternas brigas. Sofia dizia que a mãe era pegajosa, chata. Chamava-a de GPS.

A relação entre elas nunca foi boa. Sofia, desde pequenina, jamais gostara desses mimos excessivos. Tinha deixado claro que, na primeira oportunidade, sairia da casa dos pais para viver sozinha.

Suzana sabia que isso aconteceria, pois os filhos crescem e querem viver a própria vida. Mas seu coração estremecido clamava todos os dias para que Sofia não os abandonasse.

Dentre as várias qualidades da filha, destacava-se o lado guerreiro e batalhador. Não tinha preguiça de ir à luta, a única forma de ter seu próprio espaço e viver sozinha. E assim aconteceu. Ela se formou, trabalhou com entusiasmo e comprou seu primeiro imóvel. Tudo sem a participação dos pais. Eles só ficaram sabendo de tudo quando Sofia já estava de malas prontas.

Demétrios, como sempre, apoiou e ficou feliz pela filha. Era a compreensão em pessoa. O porto seguro de Sofia, pois nunca a contestava. E ainda por cima brigava com a esposa por ela não agir da mesma forma.

Suzana deu seu costumeiro *show*, como dizia Sofia. Chorou e lamentou a partida da filha. No íntimo, tinha a certeza de ser um adeus. O adeus que sempre temera. Seu medo exalava das lágrimas, mas era mal interpretada por ser dramática demais.

Após a mudança de Sofia, Suzana passou a se sentir cada vez mais sozinha, principalmente depois que o marido partiu, vítima de um acidente automobilístico. Era uma mulher ativa e procurava não importunar a filha. No entanto, quando se dava conta, já estava com o celular na mão inventando pretextos para falar com ela, especialmente quando Sofia se ausentava por um longo tempo, o que era bastante comum.

– Filha, como você está? Dormiu bem?

– Amor, não esqueça de tomar os remédios.

– Sofia, já marcou seus médicos?

– Você vem aqui em casa hoje? Estou com saudades.

Era assim que Suzana tentava manter o diálogo, que se tornava cada vez mais escasso. Ela asbia pouco da vida da filha, que na maioria das conversas se limitava a responder "sim" ou "não". Quando se irritava, dizia que em sua vida quem mandava era ela própria. Não precisava de ninguém se intrometendo.

Suzana deixou o orgulho de lado muitas vezes. Ela corria atrás. Sentia necessidade de falar com a filha, mesmo que fosse para brigar.

O tempo foi passando e os problemas de saúde aumentaram sua dependência. Era sozinha, não tinha outros parentes por perto.

– Como você está, filha? Preciso ir ao médico hoje. Tem como me levar?

Nesse dia Sofia estranhou a voz da mãe. Não parecia ter o mesmo vigor. Sentiu vontade de atendê-la prontamente, mas não tinha como. Engoliu em seco e respondeu:

– Hoje não vai ser possível, mãe. Tenho reunião o dia todo. Pode remarcar para amanhã?

– Está bem, filha. Farei isso. Não se preocupe. Boa reunião.

Suzana desligou o celular e o colocou no canto da cama. Parecia determinada a não o usar por um bom tempo. Enquanto dormia, o aparelho tocou em sonho. Era Sofia, que conversou com ela alegremente.

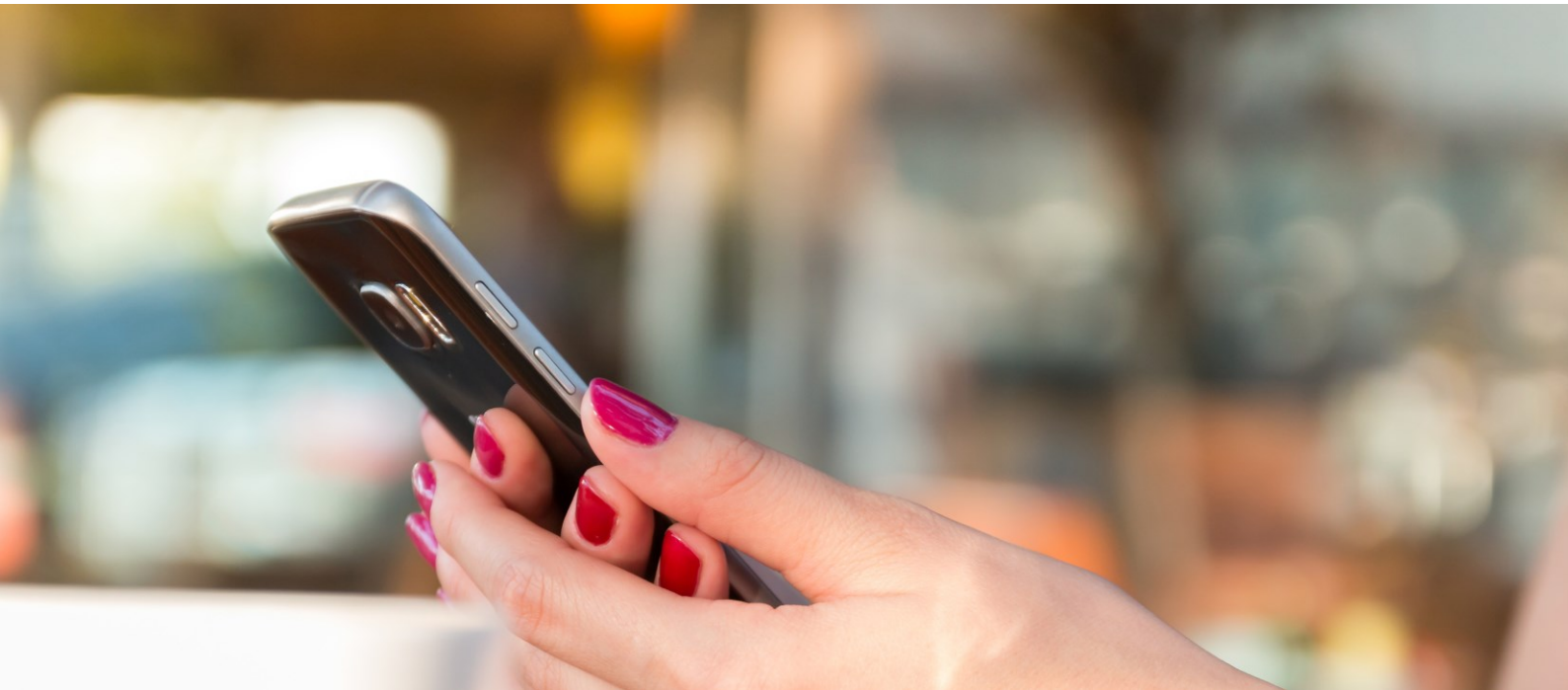
Acordou mais disposta no dia seguinte. E adivinhe qual foi a primeira coisa que aconteceu?

– Fala, mãe! Já estou saindo daqui para irmos ao médico. Tenha paciência.

– Está bem, filha – limitou-se a responder. – Até daqui a pouco.

Desligou o aparelho e deixou, mais uma vez, as lágrimas correrem livremente. Elas davam alívio à sua alma tão sofrida e carente, que não sentia vergonha de pedir um pouco de carinho.

No fundo, sabia que estava errada em agir dessa maneira. Sofia dava o maior apoio quando a mãe se dedicava a algum projeto. Gostava de vê-la fazendo o que amava. Queria que ela fosse uma



mulher independente e fizesse sua luz brilhar. Talvez Suzana um dia ainda pudesse dar esse orgulho para a filha e, principalmente, para si própria. De qualquer forma, naquele momento sentia-se feliz por saber que o carro de Sofia adentraria em breve sua garagem.

A filha chegou na hora combinada e a levou ao médico, que receitou apenas uma vitamina. Pediu alguns exames para descobrir o porquê de tanto cansaço e desânimo.

As duas conversaram bastante na volta e almoçaram juntas. Porém, Sofia não podia se alongar mais na casa da mãe. Tinha de voltar para a empresa.

Na solidão da tarde, Suzana se pôs a pensar onde havia errado. Criara a filha com amor, carinho e lhe ensinara tudo, da melhor maneira possível. Não havia mais o que fazer. Talvez seu erro fosse insistir e tentar fazer mais. Lembrou-se do marido, sempre positivo em relação à Sofia.

O cansaço a fez desistir de ligar tanto. Finalmente entendeu qual era o seu lugar. Precisava se afastar e deixar a filha viver a vida que planejou.

Sofia só se deu conta de que a mãe não havia mais ligado uma semana depois da visita ao médico. Arrumou um tempinho em sua agenda e telefonou para ela.

– Alô, mãe! Você está bem? Nunca mais me ligou...

– Estou bem, filha – limitou-se a responder. – Vá trabalhar, depois conversamos. Não quero te atrapalhar.

– Você não me atrapalha – disse, sem ouvir resposta.

Desse dia em diante, o celular de Sofia emudeceu. A mãe já não a procurava nem perguntava nada quando ela ligava. Também não visitava a filha, pois dependia de carona.

Certa noite, Sofia comentou com o marido sobre a mudança de comportamento da mãe, e ele, com toda a sua *gentileza*, respondeu:

– Não entendo você. Sempre quis que isso acontecesse. Vivia reclamando que ela não te dava espaço e se metia demais em sua vida. Vamos deixar a hipocrisia de lado, certo?

Ela ficou em silêncio e foi dormir emburrada, pois não aceitava ser contrariada. Decidiu que no dia seguinte faria uma visita à velha.

Porém, teve de mudar os planos. Surgira uma viagem de urgência e ficaria três dias fora. Ligou para a mãe. Queria saber como ela estava e contar a novidade. Suzana agradeceu, mas limitou-se a abençoar a filha e desejar que tudo corresse da melhor maneira possível.

Foram os piores dias de Sofia. Estranhou o comportamento da mãe. Desejava, como nunca, que ela ligasse. Precisava ouvir sua voz. Mas aque-

le toque no celular não acontecia. Agora era ela quem ligava sem ser atendida. Soube, por uma vizinha, que Suzana não estava bem de saúde.

Quando retornou, já era tarde. Ela havia falecido algumas horas antes. Só restava à Sofia providenciar um enterro digno. Digno do amor que sua mãe lhe dedicara, suplicando por reciprocidade durante toda a vida.

Sofia mudou sua maneira de ser a partir daquele dia. Permitiu-se agir com mais humildade e não querer carregar o peso do mundo sozinha.

O medo passou a ser sua companhia mais frequente. Tinha medo de tudo. Medo de não poder abraçar as pessoas que amava, medo de perder o marido, medo de não dar conta do trabalho que exigia tanto dela, medo de não corresponder às expectativas dos amigos e parentes. Medo de não poder viver a vida de forma plena, medo de não viver o presente como se fosse o último dia. Tinha medo, principalmente, de dormir, pois em seus sonhos o celular tocava e sua mãe lhe desejava o melhor que o universo pudesse oferecer, e pedia carinho e atenção. Sofia sabia que nunca mais ouviria aquele toque. Não ouviria mais a mãe perguntar como ela estava. Nunca mais ouviria sua voz. Nunca mais.

Foi um processo sofrido, mas Sofia entendeu, pela dor, que o amor tem de ser vivido todos os dias, respeitando-se a forma de ser de cada um. Não há como, nem por que, relegar um amor por medo de demonstrar fraqueza ou o que quer que seja.

Sofia aprendera, mas esperava um dia, não sabia de que maneira, poder dizer à mãe que a amara intensamente; no entanto, tinha medo de admitir.

■ ■ ■

Nas ondas do rádio

Todo sábado um novo tema

ATMOSFERA LITERÁRIA com Fabio Shiva

"Atmosfera Literária com Fabio Shiva" é um quadro do programa ATMOSFERA 102, apresentado todo sábado por Fernando Bamboo na Rádio 102.7 FM, de 12h às 14h

Confira online

Apoio: Verlidelas Editora